

## Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

## Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

## Autor

### Zetho Cunha Gonçalves

Nasceu no Huambo, Angola, em 1960. Poeta, autor de literatura infantil e juvenil, antologista, tradutor de poesia e organizador de edições, publicou, desde 1979, cerca de 40 livros, entre os quais destacamos Noite Vertical, 2017 [I Prémio distangola/Camões 2019]; publicou vários livros de poemas, teatro e ficção para a infância e juventude. O seu nome foi proposto para o Prémio Nobel de Literatura 2018. Dedicou-se inteiramente à criação poética e literária.

## Ilustrador

### Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

## Na Web

Sítio: [www.lerecontar.com](http://www.lerecontar.com)

Instagram: [@ler\\_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: [facebook.com/Ler-Contar](https://www.facebook.com/Ler-Contar)

## Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Zetho Cunha Gonçalves

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: [lerecontar2020@gmail.com](mailto:lerecontar2020@gmail.com)

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grito

Proibida a venda.

Os habitantes da cidade fartavam-se de rir com os resultados das metódicas escavações do doutor Meio Maluco Mesmo e do doutor Louco Varrido Completo. Mas os dois cientistas não se deixavam esmorecer, e continuavam, com entusiasmo, o seu trabalho...

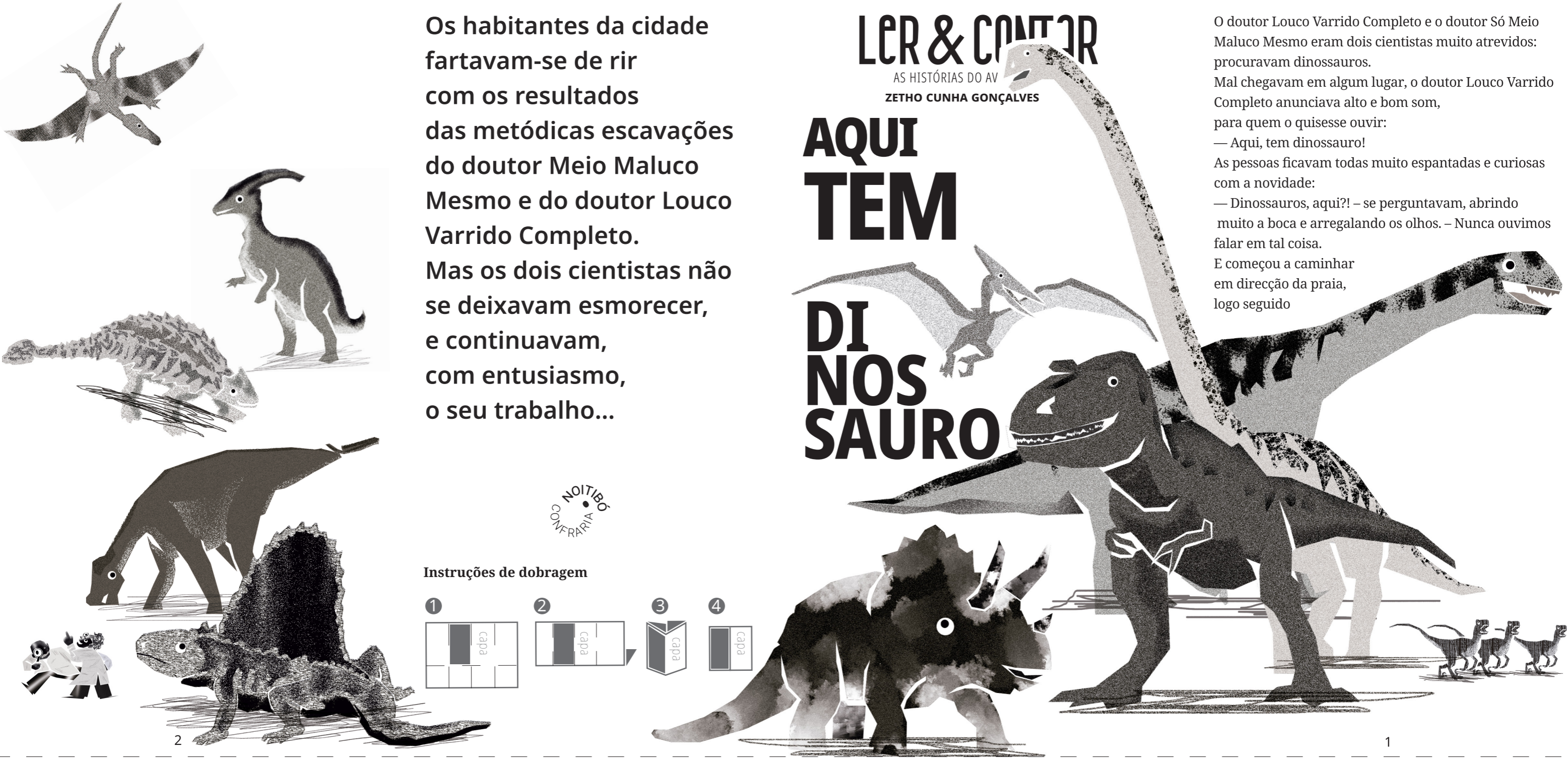
# LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AV

ZETHO CUNHA GONÇALVES

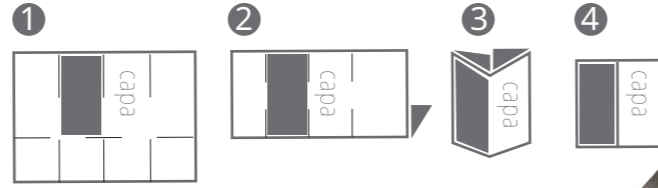
# AQUI TEM

# DI NOS SAURO



O doutor Louco Varrido Completo e o doutor Só Meio Maluco Mesmo eram dois cientistas muito atrevidos: procuravam dinossauros. Mal chegavam em algum lugar, o doutor Louco Varrido Completo anunciava alto e bom som, para quem o quisesse ouvir: — Aqui, tem dinossauro! As pessoas ficavam todas muito espantadas e curiosas com a novidade: — Dinossauros, aqui?! – se perguntavam, abrindo muito a boca e arregalando os olhos. – Nunca ouvimos falar em tal coisa. E começou a caminhar em direcção da praia, logo seguido

### Instruções de dobragem



2

1

pelo seu companheiro de aventura,  
e três ou quatro pessoas  
mais curiosas. Para contrariar tanto  
entusiasmo e certeza, o doutor Só Meio  
Maluco Mesmo disse:

— O que tem aqui é muita areia de dinossauro  
moído pelo tempo!

— É ouro! – disse o doutor Louco Varrido  
Completo, batendo outra vez com o pé no chão.

— Ouro, doutor? – se espantou o doutor Só Meio Maluco  
Mesmo, apontando as areias da praia.

— Ouro! Ouro puro! – quase gritou o doutor Louco  
Varrido Completo.

— É mas é dinossauro moído – falou o doutor Só Meio  
Maluco Mesmo, com um sorriso escondido no canto  
dos lábios. – Moído, e arrastado pelo vento e pelas ondas  
do mar até aqui, durante milhares e milhares de anos.  
E concluiu:

— Inteirinho, e sem espinhas!

— Ólarila, ólarilólé! – cantou um papagaio  
que passou voando naquele instante.

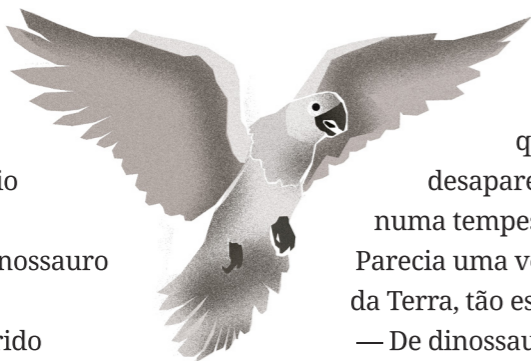
— Ouro! Ouro puro! Você não vê? – se irritou o doutor  
Louco Varrido Completo, dando muitos espirros  
e pinotes na atmosfera.

— Que é isso, doutor? – se inquietou o doutor  
Só Meio Maluco Mesmo.

— É que eu sofro de alergia à maresia do final da manhã  
– segredou o doutor Louco Varrido Completo, um pouco  
mais calmo. – E tenho horror ao canto dos papagaios  
desastrados a cair em cima da minha cabeça.

— Ah! – fez o doutor Só Meio Maluco Mesmo.  
Mas o entusiasmo e a teimosia não tardaram  
em voltar ao doutor Louco Varrido Completo:

— Veja todo este ouro, doutor!  
Ouro do mais belo e puro, doutor!



— Ouro de dinossauro, senhores?!  
– perguntou baixinho uma voz,  
que se riu muito, depois, quando  
desapareceu. Assim, tal qual um relâmpago  
numa tempestade.

Parecia uma voz que tinha vindo bem lá do centro  
da Terra, tão estranha ela era.

— De dinossauro, sim, senhor! – respondeu muito sério  
o doutor Só Meio Maluco Mesmo. E olhou para a ponta  
dos pés, como se estivesse a esconder alguma coisa  
debaixo da sola dos sapatos.

— De dinossauro?... pois ... sim, senhor... pois claro!...  
Ouro! – disse o doutor Louco Varrido Completo,  
a gaguejar um pouco do susto que lhe subiu  
dos pés à cabeça.

Metendo os dedos na areia, para se certificar  
cientificamente da descoberta, o doutor  
Só Meio Maluco Mesmo perguntou:

— Ouro, ou dinossauro moído e transformado  
em areia de praia?

— Ouro! Puro ouro de dinossauro! O ouro mais valioso  
do mundo! – teimou o doutor Louco Varrido Completo,  
já a delirar.

E, cada vez mais impaciente, começou chamando:

— Dinossauro!?!... Dinossaurozinho querido,  
você está aí?!...

— Inteirinho, e sem espinhas! – judiou o doutor  
Só Meio Maluco Mesmo, imitando a voz de algum  
fantasma de dinossauro.  
O doutor Louco Varrido Completo



repetiu: Responda, dinossaurozinho querido: você está  
aí?! Como ninguém respondeu, começaram a escavar  
o chão. Com os dedos e com as unhas. Com enxadas  
pequenas de brinquedo, e ferrinhos de sacudir abelhas  
do mel, parecidos com martelos de pregar alfinetes  
no vento. Ao olhar para aquele serviço, um camarada  
cidadão que não acreditava em dinossauros,  
comentou desconfiado:

— Muito gostam estes cientistas de escavar o chão  
em volta das casas, perto do mar!...

— Dá mesmo para ver que não têm mais nada  
para fazer! – comentou um outro camarada cidadão,  
chegando do mar carregadinho de peixe.

— É verdade – ripostou o primeiro – Até parece que vão  
pescar ou caçar aí algum dinossauro a sair da casca,  
para cozinhar com quiabo e mandioca,  
sábado que vem!...

Toda a cidade caçoava dos cientistas atrevidos  
e teimosos, e das suas escavações nas areias da praia.  
Sem darem confiança a ninguém, catavam e limpavam  
pedras e pedrinhas. Pedacos de madeira sem préstimo,  
de velhos barcos afundados e canoas apodrecidas.  
Ossos e ossinhos tortos de gaivota e flamingo, ou anzóis  
enferrujados. Conchas e búzios partidos em cacos.  
Guardavam tudo que apanhavam, voltavam a escavar,  
limpavam e tornavam a limpar.

— Aqui, tem dinossauro! – tornou a lembrar o doutor  
Louco Varrido Completo.

Mas só encontravam espinhas de peixe, com dez metros  
torcidos de altura. Ou então, enormes dentes perdidos,  
de tubarão antigo e banguela.

Durante muito tempo, estes foram os seus achados mais  
valiosos. O que só fazia aumentar o número de piadas:

— Você conhece algum pescador que se contente apenas  
com espinhas de peixe velho e dentes de tubarão

banguela, que ninguém consegue comer?

— Os cientistas do dinossauro!

E davam grandes e estrondosas gargalhadas.

E assim se passaram os dias e as noites. Tantos e tantas,  
que não tiveram conta.

Até que um dia, chegou a notícia.

E os nossos cientistas entraram logo-logo a fazer coro  
numa canção inventada no momento. E dispararam,  
correndo e cantando para lá, a toda a velocidade:

Foi descoberta na cidade do Ambriz  
uma espécie desconhecida de dinossauro,  
com noventa milhões de anos!

Por um triz/ não estávamos lá!

Foi encontrado na cidade do Ambriz  
um misterioso campo de dinossauros  
dançando kizomba com três patas e meia!

Por um triz/não estávamos lá!

Foi visto na cidade do Ambriz  
um ovo de dinossauro arrebitando as patas  
e arreganhando os dentes para quem passava!

Por um triz/ não estávamos lá!

Por um triz/ não estávamos lá!...

A notícia correu mundo.

E virou canção da moda, em homenagem ao primeiro  
dinossauro descoberto em Angola.



**Cria aqui  
a tua ilustração  
do conto!  
Digitaliza-a  
e envia-a  
para nós.**